LUZ, CÂMERA E CIDADANIA

Brunna D´Luise Turato Lotti Alves[[1]](#footnote-1)

RESUMO

A importância do saber geográfico para a formação cidadã e a vivência em sociedade já é consenso entre teóricos do ensino de Geografia. Com esse propósito, as perguntas que nortearam o trabalho foram: é a de o uso de séries televisivas pode preparar os estudantes para compreender a sua posição individual, dando-lhe sentido em longa escala: desde seu cotidiano ao seu mundo? Pode ajudá-lo a desenvolver seu raciocínio crítico?Na verdade, o ensino de Geografia pode levar os alunos a compreender seu entorno e, assim, poder exercer sua cidadania. Para operacionalizar o desenvolvimento da proposta, a pesquisa inseriu-se no contexto intraescolar, nas aulas de Geografia, a fim de identificar as representações sociais dos alunos e dos professores acerca do uso de novas linguagens em sala de aula bem como identificar as séries assistidas por eles, que podem ser explorados pelo professor em sala de aula como meio de contribuir para a prática do ensino de geografia e como trabalho final foi feita a confecção de um minidocumentário. O trabalho a foi desenvolvida com uma turma de ensino médio de rede púbica da cidade de Campinas. A fundamentação teórica que embasa o trabalho está a luz dos conceitos apontados por Pontuschka (2007) e a visão do professor como mediador, fazendo que o aluno compreenda o mundo em que vivem, Heller (1972) e a importância do cotidiano do aluno para a construção e raciocínio geográfico e também as análises feitas por Resende (1986, p.20) na importância da Geografia do aluno e suas vivencias fora da escola.A abordagem metodológica adotada foi de natureza qualitativa e a estratégia empregada foi um estudo de caso, no qual se aplicou um questionário na escola, sobre as séries assistidas pelos alunos, serviços utilizados (*Netflix*, televisão aberta, televisão paga). A pesquisa foi desenvolvida com uma turma de primeiro ano de ensino médio, houve dois momentos, o primeiro a aplicação do questionário e o segundo confecção de um minidocumentário.Os resultados apontam que dos 55 questionários respondidos, 18 alunos não assistem série, pelo fato de não possuir os serviços como internet. Para isso, a ideia do projeto foi realizar um minidocumentário abordando o tripé: escola- aluno- bairro, para que com um trabalho empírico os alunos puderam ter acesso a democratização de meios.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia, Uso de tecnologia, documentário, democracia e cidadania.

ABSTRACT

The importance of geographical knowledge for citizenship is a consensus among theoreticians of Geography teaching. With this purpose, the questions that guided the work were: can the use of television series prepare students to understand their individual position, giving it a long scaled meaning from the everyday to the world? Can it help develop their critical thinking?In fact, the teaching of Geography can lead students to understand their surroundings and, therefore, exercise their citizenship.The field research operated within the school context, in Geography classes, as to identify the social representation of students and teachers about the use of new languages in the classroom as well as identify the shows watched by them, which may be explored by the teacher in the classroom as a way to contribute to the practice teaching geography and as a final step a mini documentary was made. The work was developed with a public high school class in the city of Campinas.The theoretical foundation comes from the concepts in Pontuschka (2007) and the vision of the teacher as a mediator, making the students understand the world they live in Heller (1972), and the importance of the everyday life of the student in constructing geographical thinking and the analysis by Resende (1986, p.20) of the importance of the Geography of the student and his life outside school.The methodology was qualitative and the strategy was a case study, in which a questionnaire was a applied about the series watched by the students, used services (*Netflix*, cable television, free television). The research was developed with a first year high school class, there were two moments, first the questionnaire then the mini documentary. The results show that out of 55 students, 18 do not watch television series, because they do not have services such as internet. Therefore the project made a mini documentary approaching the trifecta: school-student-neighborhood, as an empirical work the students had access to the democratization of technological means and also noticed the importance of the everyday as a knowledge to bring into school, his perception of the surroundings.

Keywords: Teaching of Geography, Use of technology, documentary, democracy and citizenship.

**OBJETIVO**

A importância do saber geográfico para a formação cidadã e a vivência em sociedade já é consenso entre teóricos do ensino de Geografia. Com esse propósito, as perguntas que nortearão a pesquisa serão: o uso de séries televisivas pode preparar os estudantes para compreender a sua posição individual, dando-lhe sentido em longa escala: desde seu cotidiano ao seu mundo? Pode ajudá-lo a desenvolver seu raciocínio crítico?

Para operacionalizar o desenvolvimento da proposta, a pesquisa inseriu-se no contexto intraescolar, nas aulas de Geografia, a fim de identificar as representações sociais dos alunos e dos professores acerca do uso de novas linguagens em sala de aula bem como identificar as séries assistidas por eles, que podem ser explorados pelo professor em sala de aula como meio de contribuir para a prática do ensino de geografia. O trabalho a foi desenvolvida com uma turma de ensino médio de rede púbica da cidade de Campinas e em uma escola particular de Jundiai com uma turma de 7ª ano.

**PROBLEMA**

O estudante deve ser motivado a considerar suas percepções de mundo, interpretando seu universo de vivência em diversas escalas a fim de reconhecer que o meio que se vive também é objeto e tema da reflexão escolar. Segundo Resende (1986, p.20): “Se o espaço não é encarado como algo em que o aluno está inserido, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia tornar-se alheia para ele’’.

A leitura do mundo é fundamental para que se possa exercer a cidadania. Uma forma de ler o mundo é por meio da geografia na escola, utilizando para isso o processo de alfabetização, como, por exemplo, a leitura do espaço que traz em si todas as marcas da vida do homem. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura cartográfica, mas sim da vida, construindo cotidianamente o que expressam as utopias, tanto do âmbito da natureza quanto da sociedade (cf. Callai, 2005).

Em linhas gerais o papel da geografia na escola é ajudar o aluno a compreender que as paisagens que se vê são resultados da vida em sociedade e a eterna busca dos homens na busca da satisfação das suas necessidades (cf. Callai, 2005).

Dado o desafio que se diz à geografia ensinada em sala de aula e as poucas pesquisas voltadas para aprendizagem dos alunos, a pesquisa sobre essa temática torna-se indispensável, tendo em vista que há muito a se fazer e percorrer para avanços na formação de um cidadão mais consciente do seu entorno e também da sua geografia.

A contribuição em ensino de geografia em termos de pesquisa acadêmica que tange a escola e o professor tem sido muito limitada ao comparada com outros campos da ciência geográfica.

**JUSTIFICATIVA**

A importância do saber geográfico para a formação cidadã e a vivência em sociedade já é consenso entre teóricos do ensino de Geografia. Com esse propósito, as perguntas que nortearão a pesquisa serão: o uso de séries televisivas pode preparar os estudantes para compreender a sua posição individual, dando-lhe sentido em longa escala: desde seu cotidiano ao seu mundo? Pode ajudá-lo a desenvolver seu raciocínio crítico?

 O processo pedagógico como um todo, contribuiu para a inserção do aluno como participantes da construção do saber, porém uma das problemáticas é de como esse processo vem sendo construído. A pergunta a ser feita é “onde ficou o cuidado?”, na perspectiva de ensino nota-se a necessidade de se inserir e também discernir a presença do cuidado, é preciso ensinar a cuidar. Para ensinar a cuidar, o professor deve romper a barreira que existe ainda nas escolas em relação ao ensino prático, como por exemplo, tirar os alunos da sala de aula e ensinar ao ar livre, para que o mesmo consiga contemplar a natureza, resgatando assim os laços com ela no campo das ideias.

 Na verdade, tais questões são premissas para analisar como o ensino de Geografia pode levar os alunos a compreender seu entorno e, assim, poder exercer sua cidadania.

 Para operacionalizar o desenvolvimento da proposta, a pesquisa inseriu-se no contexto intraescolar, em salas de aula de Geografia, a fim de identificar as representações sociais dos alunos e dos professores acerca do uso de novas linguagens em sala de aula.

Esta pesquisa possui como foco instigar as possibilidades de incorporação e análise de estratégias de uso de séries nas aulas de geografia. Nesse sentido, esta dissertação teve como objetivo apresentar as concepções de alunos da educação básica sobre a utilização desses recursos em sala de aula, bem como identificar as séries assistidas por eles, que podem ser explorados pelo professor em sala de aula como meio de contribuir para a prática do ensino de geografia.

**EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Relacionando a temática Ciências e Artes, António Damásio (2006) na sua fala, defendeu na Conferência Mundial de Educação Artística, promovida pela UNESCO, que:

Um currículo escolar que integra as artes e as humanidades é imprescindível à formação de bons cidadãos. A ciência e a matemática são muito importantes, mas a arte e as humanidades são imprescindíveis à imaginação e ao pensamento intuitivo que estão por trás do que é novo. As capacidades cognitivas não bastam.

A Geografia é uma disciplina indispensável para se entender o espaço geográfico, o que indica utilizar a realidade do aluno para a leitura e compreensão da análise espacial como uma construção histórico-social. Percebe-se, porém, muitas situações em que o ensino de Geografia está atrelado ao tradicionalismo. Segundo Bonfim (2006, p.107), para a maioria dos alunos a aprendizagem nas aulas se reduz somente à memorização, sem fazer referência aos parâmetros socioespaciais.

No Simpósio Ciência e Tradição da Unesco em 1991, houve uma reflexão sobre a transdisciplinaridade e como ensinar ciência para nossos alunos:

A maneira convencional de ensinar ciência mediante uma apresentação linear do conhecimento não permite que se perceba o divórcio entre a ciência moderna e visões do mundo que estão hoje superadas. Enfatizamos a necessidade de novos métodos educacionais que levem em consideração o progresso científico atual, que agora entra em harmonia com as grandes tradições culturais, cuja preservação e estudo profundo são essenciais.

Em um período no qual se vive uma crise no ensino, de forma que a informação está em primeiro plano e a formação do cidadão em sala de aula tem passado para o segundo plano, assim a informação se confunde com a formação. (cf. CARLOS, 2003)

É em virtude da rapidez que se deve ter para enfrentar situações diferentes a cada momento que se utiliza mais o processamento multimídico e, por sua vez, os meios de comunicação, principalmente a televisão e suas diversas linguagens (MORAN, 2006).

Trazendo essa temática para a Geografia, Pontuschka (2007, p. 262) explica que a era da globalização possibilita a rapidez das informações por meio da televisão, rádio, computador e vídeos e o professor tem um papel importante como mediador, podendo enriquecer o seu trabalho com todos esses recursos para propiciar que o aluno compreenda o mundo em que vive.

 Em uma escala local, a partir da vida cotidiana, a sala de aula passa a ser o local privilegiado do exercício de crítica, da manifestação do diferente, um espaço que leve o aluno a pensar o mundo a partir de sua condição real da existência (cf. CARLOS, 2003)

 A Geografia é fundamental neste período histórico de maneira que o geógrafo deve utilizar o seu potencial teórico e seu domínio das técnicas para pensar em uma sociedade fragmentada, apesar de global.

 Para compreender o papel da Geografia e consequentemente o seu ensino, deve-se estudar a sua trajetória no território brasileiro. O primeiro grande período foi ocorreu antes mesmo de sua institucionalização, no Brasil Colônia, a contribuição foi dada pelos cronistas coloniais que estiveram nos séculos XVI, XVII e XVIII para fazer descrições da terra e das pessoas que aqui estavam. (ANDRADE, 2003 )

 O ensino de Geografia durante o Brasil Colônia a educação foi ministrada pelos jesuítas era pautada na descrição superficial do território nacional. (cf. OLIVEIRA, 2011)

 No período imperial, houve a preocupação em produzir informações sobre as populações existentes, em um momento que se discutia em levar a cidadania à uma maioria da população formada por negros, a grande parte escravos, e indígenas. (ANDRADE, 2003)

 Foi então no império que houve a institucionalização do ensino de Geografia, no ano de 1837, no colégio império de Dom Pedro II, de acordo com Oliveira(2007, pag. 86) nessa época a disciplina servia basicamente de suporte para os alunos na construção da ideia de identidade nacional, reforçando a questão do nacionalismo patriótico, no qual o papel principal era de desenvolver o amor pela pátria e servir com uma disciplina da nacionalização.

 A Revolução de 30, provocou o crescimento e da reflexão sobre o território brasileiro, iniciaram-se os estudos superiores nas universidades do Distrito Federal e de São Paulo, e posteriormente as atividades no Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE).

 No ensino de Geografia, esta época foi importante pois desenvolveu-se cientificamente e se consolidou como disciplina escolar, devido a estrutura política centrada em uma administração que concentrava o poder em se conhecer o território a ser administrado e disseminar o discurso nacionalista. (BARROS, 2000)

 Com o golpe de Estado de 1964, procurou-se desenvolver no país um crescimento econômico, sem preocupações com problemas ambientais nem sociais, no entanto com o crescimento da produção em função a demanda de mercado. (ANDRADE, 2003)

 O ensino de Geografia viu-se diretamente atingido por essa politica limitadora, dado que as disciplinas História e Geografia foram fundidas nos Estudos Sociais, e surgiram outras como Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira, a implementação destas matérias ocorreu, segundo Rodrigues para

rebaixar a seu nível mais elementar a educação política do cidadão, a formação da consciência histórica do educando, o conhecimento dos princípios que regem a formação dos valores éticos e morais da sociedade e o conhecimento da realidade política e social brasileira. O ensino das chamadas Ciências Humanas, que deveriam ser chamadas de ciências políticas, foi reduzido a um pleno achatamento qualitativo, incapacitando a escola de exercer o papel de elevar a capacidade intelectual, cultural e crítica dos educandos. (RODRIGUES, p.109).

 A crise econômica dos anos 70 fez com que surgisse geógrafos com uma postura mais crítica que buscavam reabilitar uma geografia político e social, uma das ações foi minimizar a dominação quantitativista do país.

 A disciplina de geografia apresentou nos caminhos, no qual via-se comprometidas com a formação do aluno enquanto cidadão, sujeito histórico e social.

A geografia ensinada nas escolas deve obter a unidade entre a Geografia Física e a Humana, parafraseando Callai (2007) advoga que a unicidade buscada pretende compreender a ação do homem no processo de construção do espaço. Este concreto representa a própria vida do homem:

A grande questão é conseguir dar unidade ao estudo que é feito, buscando compreender-se a ação do homem no processo de construção do espaço. E este não pode ser o espaço abstrato nem amplo, mas deve ser o espaço concreto da vida do homem. O espaço geográfico é um espaço que não é dado naturalmente como um palco onde acontecem os fenômenos. É um espaço que contém características e a ação do homem. Quer dizer, o espaço supõe todos os dados naturais (ao natural ou transformados), os dados humanos, sociais (as relações que acontecem entre os homens, expressas, muitas vezes, de formas diferenciadas) e o resultado destas relações, o produto, materializado no espaço. É um espaço prenhe de relações, carregado de história, que tem uma circunscrição de limites. Ao ser expresso por uma paisagem, é a visualização concreta das relações sociais e da sociedade com a natureza, o qual denominamos espaço geográfico. (p. 38)

 No entanto para Santos (Espaço e método citar) o espaço é uma instância social, econômica e cultural-ideológica, estas contêm e estão contidas, como por exemplo, a sociedade está no espaço, assim como o espaço está na sociedade. Na leitura do autor, o espaço não é apenas formado pelas coisas, mas por “cada fração da natureza [que] abriga uma fração da sociedade atual” (p.12). Nas aulas de Geografia uma temática recorrente é a explicação de lugar e localização, para Santos :

“O lugar pode ser o mesmo as localizações mudam. E o lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar (...). Cada localização é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido, em um ponto geográfico, um lugar. Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante os fracos da sociedade que lhe cabem não são mais as mesmas”. ( Santos, p.13, 2014)

 O estudo aqui apresentado o lugar será objeto do estudo, Santos decorre que cada lugar tem um momento e um papel no processo produtivo, segundo ele quanto “mais pequeno o lugar examinado, tanto maior o numero e determinações externas que incidem sobre ele”(p,13), para nós o lugar será a escola e seus arredores, dado que os alunos trazem conhecimentos de seu cotidiano.

Ao trabalhar com o ensino, um recorte necessário é a escala do cotidiano, ou seja, analisar a realidade da escola, bem como a importância do entendimento de identidade aluno/professor/ comunidade com a escola. Um exemplo é a posição de Paviani e sua concepção de localização no espaço geográfico. Na literatura encontramos pesquisas cuja finalidade é mostrar como o conteúdo escolar é trabalhado:

O importante é saber que não somos totalmente livres para termos a educação que queremos, pois nosso querer desde que nascemos vem sendo *educado* por ideias e comportamentos que ultrapassam nossa consciência das coisas. Sob a educação formal que nos é transmitida existe uma educação invisível cuja força nem sempre é levada em conta em nossos estudos. A escola como aparelho doutrinário certamente exerce influência, mas também recebe influência da educação *informal* que se transmite através dos grupos sociais, meios de comunicação, organizações sindicais etc. (Paviani, 1988, p.11).

 Reafirmando tal conceito percebemos que ainda hoje muitos alunos pensam, assim como Lacoste (1993), que a Geografia ensinada na sala de aula é maçante, ou seja, o conhecimento adquirido possui escassa utilização na vida real fora da escola.

Esse ensino acaba por supor que o aluno é um ser neutro e sem cultura que não participa do espaço geográfico. Tal afirmação vai ao encontro das análises feitas por Resende (1986, p.20): “Se o espaço não é encarado como algo em que o aluno está inserido, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia tornar-se alheia para ele’’.

Retomando as contribuições de Resende (1986), encontram-se alguns elementos capazes de contribuir com o diálogo. Acolher o aluno seria, de certa forma, redefinir a relação de ensino-aprendizagem. Estariam, assim, o aluno e o professor recriando a ciência geográfica.

Nesse caso, como explicitado acima, as séries de televisão podem vir a ser usadas no processo de ensino e aprendizagem, como proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A programação convencional de televisão, que em princípio não tem finalidade educativa, pode ser utilizada como fonte de informação para problematizar os conteúdos das áreas do currículo, por meio de situações em que o veículo pode ser um instrumento que permite observar, identificar, comparar, analisar e relacionar acontecimentos dados, cenários, modos de vida etc. Por exemplo, é possível propor estudos comparativos de personagens e ambientes de novelas, desenhos, seriados. Propostas desse tipo favorecem o desenvolvimento de habilidades relacionadas à linguagem oral e escrita, e de uma atitude mais crítica diante da televisão como veículo de informação e comunicação. (BRASIL, 1997, p. 143)

 Dialogando com o PCN, os filmes/vídeos representam um método lúdico, sendo importantes, por exemplo, para ensino de geografia, uma vez que tornam as aulas uma experiência inovadora, suscitando novas dimensões de alfabetização.

 Em relação às diversas formas de se alfabetizar, Vygotsky(2001b, p.351) discorre que a educação deve promover no próprio trabalho diferentes formas culturais, buscando desenvolver o máximo a apropriação dos indivíduos sobre essas. No caso aqui estudado as séries. O ensino de geografia, por fim, deve, segundo Carvalho(1945), preparar o estudante para compreender sua posição individual, relativa ao meio no qual vive, dando-lhe sentido de direção e localização em larga escala: desde seu cotidiano ao mundo.

A construção do conhecimento geográfico é determinada aos diferentes contextos socioespaciais encontrado, Tardif (2007, p.260) nos diz que “[...] os saberes profissionais

dos professores são temporais, ou seja, são adquiridos através do tempo”, os saberes dos professores também são espaciais, sendo mutáveis em ralação ao local de trabalho, local de informação e também sala de aula.

O conhecimento e a cultura adquiridos estão intimamente ligados ao que aprende e constrói, tornando assim temas imbricados. O ato de aprender é o que ocorre a pessoa enquanto adquire conhecimento de uma cultura e seus processo psicológicos e físicos e suas manifestações possam estabelecer uma relação na sua aprendizagem. (MASINI, 1999, p.6)

**METODOLOGIA DA PESQUISA**

Em setembro de 2017 a escolha da escola foi devido ao convite de um professor estadual de Campinas, em uma conversa com ele um dos problemas retratados foi a falta de interesse dos alunos de ensino médio, explicando o projeto de mestrado o professor acreditou que poderia suscitar a curiosidade dos estudantes.

 Assim as idas a escola foi para conhecer e também se familiarizar com os alunos, explicando o projeto que seria feito com eles o de se utilizar a série para ensinar a Geografia o que chamou a atenção foi o fato da alta evasão nas salas de aula, das quatro turmas de ensino médio que foi feita a conversa inicial, havia somente 55 alunos de um total de 200, o professor explicou essa ausência pelo fato de ser sexta-feira. Ao longo da pesquisa notei que essa era uma característica da escola, a falta constate dos mesmos e a explicação se devia ao fato dos alunos não se sentirem pertencentes a escola.

 A pesquisa introdutória foi feita com auxilio de um questionário, quadro 1) foram feitas perguntas referentes ao tipo de série televisiva que o aluno assiste e por qual tipo de serviço ele tem acesso (TV aberta, TV a cabo, *Netflix* ou internet), buscando referenciais do perfil socioeconômico e, posteriormente, questionou-se qual relação os alunos veem entre as séries e as aulas de Geografia.

**Série: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Qual serviço você usa?**

 ( ) Netflix

( ) Tv a Cabo

( ) Internet (baixar série)

( ) TV aberta

**Qual tipo de aparelho você utiliza para assistir?**

( ) Celular

( ) Computador

( ) Televisão

**Quais séries você assiste?** \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Qual é a relação das séries com a Geografia na sua opinião?**

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Para que a pesquisa não se pautasse somente nos referenciais teóricos e nos diversos materiais bibliográficos que tratam de novas linguagens no ensino de Geografia, incluiu-se como parte dos procedimentos a aproximação com a realidade escolar.

**RESULTADOS**

 Uma das escolas estudadas se encontra no limite do município de Campinas com Sumaré no bairro Vila Olímpia. Em suma, nota-se que grande parte das famílias são desestruturadas, isso é, compostas somente por um membro da família. Os alunos que vão à escola são provenientes do bairro. A escola possui três anos, porém até a presente data não havia sido inaugurada.

Em relação à infraestrutura, a escola dispõe de quadra, biblioteca e sala de informática (porém sem os computadores).

 Em diálogos com os professores, nota-se que a escola acaba sendo extensão da rua, devido aos alunos trazerem os problemas e brincadeiras para o ambiente escola.

 O Índice do Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do bairro Olímpia em relação à educação mostrou que os anos de estudo no bairro correspondem a 8,92 anos enquanto no município de Campinas é de 10,1 anos.

 Abaixo, é possível ver na tabela 1 de IDHM de Educação as proporções de crianças e jovens frequentando ou tendo completado o ciclo, o que indica a frequência escolar entre a população em idade escolar. A proporção de crianças de 5 a 6 a 6 ano na escola é de 95,08% em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando o ensino fundamental II é de 86,02%. Já a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é 22,92%, o que justifica tamanha evasão notada na pesquisa.

Tabela 1. Índice de Desenvolvimento Humano do Bairro

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  | **2000** | **2010** |
| **IDHM Educação** | 0,305 | 0,540 |
| % de 18 anos ou mais com fundamental completo | 22,57 | 37,91 |
| % de 5 a 6 anos na escola | 47,49 | 95,08 |
| % de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental REGULAR SERIADO ou com fundamental completo | 60,12 | 86,02 |
| % de 15 a 17 anos com fundamental completo | 24,65 | 54,15 |
| % de 18 a 20 anos com médio completo | 9,67 | 22,92 |

Fonte: PNUD, Ipea e FJP, 2017

A pesquisa foi feita com quatro turmas sendo duas de segundo ano, uma de primeiro ano e a outra de terceiro.

A outra escola estudada foi uma escola particular pequena que a autora do artigo aqui presente lecionava, foi importante obter os dados de duas realidades distintas para que pudéssemos delimitar a abordagem da pesquisa.

No entanto, a realidade da escola particular em Jundiaí é diferente: localizada em um bairro de classe média, os alunos provêm de bairros vizinhos, sendo uma escola de cunho familiar, ou seja, pequena, cuja existência é de 27 anos.

No início, o colégio possuía somente educação infantil. No entanto, atualmente já não conta mais com ela, mas sim com fundamental I e II. A escola possui um projeto educacional que pretende aumentar as séries de acordo com as primeiras turmas que lá estão. O ensino fundamental II, portanto, é formado pelo 6º e 7º ano.

Tendo em consideração a infraestrutura, a escola possui uma quadra, sala de vídeo e biblioteca. Os alunos são em pequeno número, em média por sala há 13 ou 14 alunos. Na parte da manhã funciona o ensino fundamental I e à tarde somente o II.

Já na escola particular, o questionário foi aplicado para 7º ano em uma classe de 13 alunos.

Iniciou-se a pesquisa averiguando por qual serviço os alunos assistem as séries. Na escola pública, dos 55 questionários respondidos, 18 dos alunos responderam que não assistem séries, como pode ser observado nas figuras 1 e 2.

Figura 1. Serviços que os alunos que não assistem série possuem

Fonte: Brunna Alves, 2017

Figura 2. Serviços que alunos que assistem série possuem

Fonte: Brunna Alves, 2017

O questionário feito aos 55 alunos sobre quais serviços eles possuem ajudou a perceber que 32% dos alunos que não assistem série não possuem nenhum tipo de serviço e 21% possuem Televisão Aberta.

No entanto, o percentual dos que assistem série mostra que 29% possuem Netflix e 29% assistem pela Internet.

Na escola particular os dados foram diferentes:

Figura 3. Serviços que os alunos que assistem série possuem

Fonte: Brunna Alves, 2017

 Grande parte dos alunos possui *Netflix* ou mesmo acesso à internet, o que se torna um facilitador para que todos os alunos sejam telespectadores de séries.

Em relação aos tipos de séries que os alunos assistem, percebeu-se a sua heterogeneidade. Na escola pública foram contabilizados 26 títulos diferentes, sendo possível agrupá-los no gráfico a seguir:



Figura 4. Séries Assistidas

Fonte: Brunna Alves, 2017

Dos 55 questionários, 18 alunos não assistem séries, 8 classificaram série como novelas ou desenhos animados e 19 alunos assistem séries das mais diversas possíveis. Na sua grande maioria, 9 alunos assistem *The Walking Dead*, seguido de 8 que veem *Supernatural* e as séries *Flash* e *Prison Break* empatam com 6 telespectadores cada.

Na escola particular, todos assistem séries, os alunos assistem até mais que uma. O gráfico abaixo mostra tal heterogeneidade:



Figura 5. Séries Assistidas colégio Particular

Fonte: Brunna Alves, 2017

 As séries assistidas observadas foram: *Teen Wolf, Once Upon Time, Gravity Falls e Flash.* Todas elas possuindo um total de dois votos cada.

 Devido à diferença de faixa etária, percebe-se a diferença entre a temática das séries: a escola pública remete ao gênero Drama e a escola particular à Fantasia.

 Questionando os alunos sobre esta pesquisa, eles diziam ter familiaridade com as séries, o que tornaria as aulas de Geografia mais interessantes.

 De acordo com a pesquisa realizada nas duas escolas, foi possível verificar que o fator socioeconômico interferiu na análise dos resultados, sendo que um terço dos alunos da escola estadual não possuem o hábito de assistir séries. Porém, nas duas escolas, os dados mostram que as séries poderiam ajudar no processo de ensino e aprendizagem da matéria de geografia.

 A série televisiva seria um elemento interessante também pelo fato de que atrairia a atenção dos jovens mais que as aulas e exposições orais realizadas pelo professor em sua sala de aula.

É interessante pontuar, que o sentido de localização foi bem explícito na pesquisa. Uma escola localizada em um bairro periférico possui uma identidade diferente de outra de classe média. As problemáticas também são diferentes e a busca de soluções deve ser pontuada de acordo a com a realidade que as cercam.

 A partir desta experiência construída, é necessário estabelecer um olhar diferenciado do cotidiano das escolas, visto que existe um perfil de aluno de classe média, no qual todos possuem acesso à internet, e outro em que o acesso é reduzido.

Nesse processo, as séries usadas em aula podem vir a ser um elemento interessante, porque alguns alunos podem não ter acesso às mesmas por outros meios e também podem ser vistas como um importante mediador pedagógico em que deve ser pontuada a posição geográfica de cada escola, o que implicará em metodologias e conteúdos diferentes a serem abordados em aulas.

**BIBLIOGRAFIA**

BARROS, Maria C. L. de. A história da disciplina geografia nas décadas de 1930 e 1940: expressão da fisionomia do Estado. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2000.

CALLAI, Helena Copetti. Geografia: um certo espaço, uma certa aprendizagem. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1995.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; DAMIANI, Amélia Luisa; FONSECA, Fernanda Padovesi (Org.). **A Geografia na sala de aula.** 5. ed. Sâo Paulo: Contexto, 2003. 144 p.

FREIRE, Paulo. Carta aos Professores. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 15, p.259-268, 2001..

Índice de Desenvolvimento Humano da Vila Olímpia. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/29463>>. Acessado em 21 de outubro de 2017.

LACOSTE, Yves. Uma disciplina simplória e enfadonha? In: LACOSTE, Yves. **A Geografi, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 3. ed. Campinas: Papirus, 1993. p. 21-30.

MONBEIG, Pierre. Papel e Valor do Ensino de Geografia e de sua pesquisa. In: MONBEIG, Pierre. **Novos Estudos de Geografia Humana.** São Paulo: Difel, 1957. p. 5-25.

MORAN, José Manuel et al. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. In: MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, Marcos T.. **Novas Tecnologiass e Mediação Pedagógica.** 12. ed. Campinas: Papirus, 2006. Cap. 1. p. 11-66

OLIVEIRA, Cezar Alvarez Campos de. Geografia e ensino no Brasil e em Cuba: Um estudo Histórico-geográfico comparado. Tese (Doutorado em Geografia) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007

OLIVEIRA, Dulce Andreza Santos de; SANTOS, Ricardo Menezes. AS DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O USO DE FILMES CINEMATOGRÁFICOS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL. In: 10° ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 10., 2017, Pernambuco. **Anais... .** Pernambuco: Enfope, 2017. p. 1 - 10.

OLIVEIRA, Mizael Fernandes de. **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR E SUA ESPACIALIDADE NOS OITOCENTOS (1843 - 1889) NA PROVÍNCIA CAPIXABA.** 2011. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Espirito Santo, Vitória, 2011.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; CACETE, Núria Hanglei; GEOGRAFIA, Para Ensinar e Aprender. A Linguagem Cinematografica no ensino de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007. Cap. 2. p. 261-287. (Docência em Formação ensino Fundamental).

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do Aluno Trabalhador:** Caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1986. 179 p. (Coleção Educação Popular).

Revista Brasileira de Educação, ANPED, São Paulo, n. 13, jan./abr. 2000a.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Educação,** Santa Maria, v. 15, n. 3, p.167-183, set. 2011. Trimestral.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários –elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério.

UNESCO. “**Ciência e Tradição: Perspectivas Transdisciplinares, aberturas para o XXIº Século”**. Paris, Unesco, 2-6 Dezembro.

1. Mestranda em Geografia Humana pela USP e professora da rede Municipal de São Paulo [↑](#footnote-ref-1)